



HAN, Byung Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Giachini. 2. edição ampliada. Petrópolis: Vozes, 2017.

Vilmar Dal Bó*

Byung-Chul Han é uma das vozes filosóficas mais inovadoras da atualidade. Nasceu na Coreia, mas fixou-se na Alemanha, onde estudou Filosofia na Universidade de Friburgo e Literatura e Teologia na Universidade de Munique. Em 1994, doutorou-se em Friburgo com uma tese sobre Martin Heidegger. Atualmente, é professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade de Berlim e autor de diversas obras, dentre elas *Sociedade do Cansaço*. Publicada pela editora Vozes em 2017, esta obra, que chega em 2020 à oitava reimpressão, é composta por oito capítulos:

No primeiro capítulo – *A violência neuronal* – o autor trata do paradigma imunológico, mais especificamente da passagem de uma época bacteriológica, viral, que chegou ao seu fim com a descoberta dos antibióticos, para uma época neural. A época neural é marcada por doenças neurais como síndrome da hiperatividade, transtorno de personalidade limítrofe ou Síndrome de Burnout. Com o advento das técnicas imunológicas há um declínio da violência viral que condiciona as relações sociais. Toda e qualquer reação imunológica é uma reação à alteridade. A alteridade é a categoria fundamental da imunologia. A violência neuronal, desenvolvida por Byung, não é provocada pelas estranhezas daquilo que é diverso e contraditório, mas sim pelo excesso de positividade, ou seja, de iguais. A violência neuronal é marcada não mais por infecções, mas por doenças mentais neuronais que tomam conta dessa época. Portanto, a violência neural é o colapso de um modelo de superprodução que desconhece a negatividade, e acentua a positividade

* Doutorando em Ciências Econômicas e Políticas (Instituto Universitário Sophia, Incisa Figline Val D'Arno, Itália). Mestre em Estudos Políticos e Moral Social (Instituto Universitário Sophia, Incisa Figline Val D'Arno, Itália, 2014). Bacharel em Teologia (Instituto Teológico de Santa Catarina, Florianópolis, 2011). Engenheiro de Produção (UNISUL, Florianópolis, 2005). Professor da Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC). Coordenador do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Teologia, Sociedade e Comunicação. Assessor Parlamentar na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

E-mail: vilmardalbo@gmail.com



em doses saturantes e exaustivas. É uma positividade frenética e comprometida em não fracassar. A sua consequência é a autoexploração; uma violência sistêmica a si mesmo.

O segundo capítulo – *Além da sociedade disciplinar* – o autor trata da passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho. Sociedade em que os habitantes não se chamam mais sujeitos da obediência, mas sujeito de desempenho e de produção. A sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. É determinada pela negatividade da proibição, enquanto a sociedade do desempenho é determinada pela positividade e pelo poder ilimitado. Segundo Byung, a sociedade da negatividade gera loucos e delinquentes; ao contrário, a sociedade do desempenho produz depressivos e fracassados. O sujeito de desempenho é considerado mais rápido e mais produtivo do que o sujeito da obediência. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sobre o excesso de positividade. O autor reflete sobre a humanidade que está em guerra consigo mesma. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Para o autor, os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas de um cansaço de *fazer* e de *poder*.

O *tédio profundo* é o título do terceiro capítulo. Nele o autor aborda a condição da multitarefa na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Recorda que a multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem: na vida selvagem o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. A sociedade do desempenho, da positividade e da produtividade, não é favorável ao aprofundamento contemplativo. A evolução social revela inquietações, ausência de processos criativos, e como consequência, respostas rasas e superficiais.

No quarto capítulo – *Vita activa* – Byung trata o conceito de *animal laborans* através da leitura de Hanna Arendt. Para o autor o *animal laborans* pós-moderno é provido do *ego* ao ponto de quase dilacerar-se. Ele pode ser tudo, menos passivo. A sociedade pós-moderna do desempenho reduz a todos como vida desnudada, na qual o próprio senhor se transformou em um escravo do trabalho. Somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Com isso, a exploração é possível mesmo sem senhorio. A solidão da vida contemplativa e o silêncio falecem. A *vita activa* é corresponsável pela histeria e o nervosismo da sociedade ativa moderna.



O capítulo quinto é destinado à *pedagogia do ver*. A vida contemplativa pressupõe uma pedagogia específica do *ver*. Para o autor devemos aprender a *ler, pensar, falar e escrever*. Aprender a ver, segundo Byung, é capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento. A crescente positividade da sociedade enfraquece sentimentos como a angústia e o luto. Há uma ilusão em acreditarmos que quanto mais ativos e produtivos somos, mais livre seremos. A liberdade neste sentido é conjugada em face da produtividade. A positividade e a hiperatividade são características da sociedade pós-moderna. O ver revela um vazio.

O caso Bartleby é o título do sexto capítulo. Nele o autor apresenta os elementos de uma sociedade esgotada. Uma sociedade marcada pela superprodução, mas hostil, irritada e saturada. A sociedade marcada pela superatividade revela personagens que sofrem distúrbios mentais. São marcados pela melancolia e o mau humor. A sociedade da positividade, da produção, e da hiperatividade, é uma sociedade que morre, que sucumbe, mesmo com tudo o que é feito e apresentado. A resposta é o vazio sem esperança.

No sétimo capítulo Byung apresenta a *Sociedade do Cansaço*, enquanto uma sociedade ativa, sem espaço para a negatividade e a contemplação, e marcada intensamente pela positividade que dilacera o homem. O autor apresenta a expressão *doping cerebral* que revela um desempenho sem desempenho, ou um desempenho vazio. O excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma. O cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando. É produtor de consciências isoladas. A sociedade do cansaço revela o esgotamento de uma sociedade produtiva, cansaço esse que não é uma potência positiva, inspiradora e capacitante. É um cansaço que não produz o sentimento de plenitude, mas ao contrário, um esgotamento que incapacita de fazer qualquer coisa e que não produz esperança. O sujeito de desempenho esgotado, depressivo, está esgotado de si mesmo. Totalmente incapaz de sair de si, estar lá fora, de confiar no outro. Uma sociedade cansada é o reflexo de um ativismo sem contemplação.

O último capítulo, dedicado aos anexos, consiste em refletir a sociedade do esgotamento, o trabalho compulsório, a autoexploração, os sentimentos eufóricos. Segundo o autor, a vida hoje se transformou num sobreviver. A vida enquanto sobreviver acaba levando à histeria da saúde. A pessoa sadia irradia paradoxalmente um quê de mórbido, algo



sem vida. Uma produtividade que não frutifica. Um cansaço que não conforta, tranquiliza e anima. Sem a negatividade a vida enrijece em morte. A negatividade é a força vital da vida. A plenitude e exclusividade da positividade, é se não, engano que leva ao cansaço que não fecunda.

A obra de Byung-Chul Han é um sobrevoos nos pensamentos de *Foucault, Benjamim, Paul Cézanne e Nietzsche e Hanna Arendt*, sobre o excesso de trabalho, o desempenho humano, a exaustão do homem, e por consequência, os reflexos de uma sociedade produtiva, esgotada e cansada. Os adoecimentos psíquicos da sociedade pós-moderna refletem as manifestações patológicas de uma suposta liberdade que produz: depressivos e fracassados.

A sociedade do cansaço, de Byung-Chul Han, revela traços de consonância com a reflexão sobre a crise do paradigma tecnocrático elaborada pelo Papa Francisco no terceiro capítulo da Carta Encíclica *Laudato Si'* de 2015. Uma aproximação de dois pensadores que inspira futuras pesquisas.